

## Estratégias de resistência agroecológica e camponesa das mulheres do Quilombo Campo Grande contra a financeirização agroalimentar<sup>1</sup>

**Andréia Cristina Matheus**  

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, São Paulo, Brasil.  
e-mail: [andreiamatheussp@gmail.com](mailto:andreiamatheussp@gmail.com)

**Vanilde Ferreira de Souza-Esquerdo**  

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, São Paulo, Brasil.  
e-mail: [vanilde@unicamp.br](mailto:vanilde@unicamp.br)

### Resumo

As mulheres camponesas estão no centro da luta pela terra e na resistência ao modelo hegemônico de agricultura. Este artigo refere-se ao estudo qualitativo com mulheres camponesas do Quilombo Campo Grande, localizado no estado de Minas Gerais-Brasil. Trata-se de um território cujos antecedentes históricos referem-se a processos de ocupações de terras organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. O objetivo foi analisar as estratégias adotadas pelas mulheres sobre as sementes e sua relação com a construção da agroecologia. As técnicas de coleta de dados foram a observação participante, entrevistas semiestruturadas e grupo focal. Percebemos que o agronegócio e financeirização são centrais para a compreensão das relações de poder no atual sistema alimentar. Por outro lado, a agroecologia tem possibilitado as bases para diversas estratégias na contramão do modelo hegemônico. Ao lutar cotidianamente pela agroecologia, as estratégias adotadas pelas mulheres camponesas, se constituem como importante referência contra a financeirização e a mercantilização do sistema agroalimentar.

**Palavras-chave:** Financeirização; agronegócio; reforma agrária; soberania alimentar.

### Agroecological and peasant resistance strategies of women from Quilombo Campo Grande against agri-food financialization

#### Abstract

Peasant women are at the center of the struggle for land and resistance to the hegemonic model of agriculture. This article refers to a qualitative study carried out with peasant women from the Quilombo Campo Grande, located in the state of Minas Gerais, in Brazil. It is a territory whose history is rooted in land occupation processes organized by the MST (Landless Rural Workers Movement). The objective of this study was to analyze the strategies adopted by women regarding seeds and their relationship with the development of agroecology. Data for this article was collected through participant observation, semi-structured interviews and focus groups. We have noticed that agribusiness and

<sup>1</sup> Trabalho vinculado a pesquisa de doutorado intitulada “Agricultura camponesa e o direito às sementes frente a financeirização do sistema agroalimentar” realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



financialization are central to understanding power relations in the current food system. On the other hand, agroecology has provided the basis for several strategies that go against the hegemonic model. When fighting daily for agroecology, the strategies adopted by peasant women constitute an important reference in the fight against the financialization and commodification of the agri-food system.

**Keywords:** Financialization; agribusiness; agrarian reform; food sovereignty.

## **Estrategias agroecológicas y de resistencia campesina de mujeres del Quilombo Campo Grande contra la financiarización agroalimentaria**

### **Resumen**

Las mujeres campesinas se encuentran en el centro de la lucha por la tierra y la resistencia al modelo hegemónico de agricultura. Este artículo aborda un estudio cualitativo realizado con mujeres campesinas del Quilombo Campo Grande, situado en el estado de Minas Gerais, Brasil. Se trata de un territorio cuyos antecedentes históricos se refieren a procesos de ocupación de tierras organizados por el Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra - MST. El objetivo fue analizar las estrategias adoptadas por las mujeres con respecto a las semillas y su relación con la construcción de la agroecología. Las técnicas de recolección de datos incluyeron la observación participativa, entrevistas semiestructuradas y grupos focales. Notamos que el agronegocio y la financiarización son elementos clave para entender las relaciones de poder en el sistema alimentario actual. Por otro lado, la agroecología ha servido de base a diversas estrategias para contrarrestar el modelo hegemónico. Al luchar diariamente por la agroecología, las estrategias adoptadas por las mujeres campesinas constituyen un referente importante en la resistencia contra la financiarización y la mercantilización del sistema agroalimentario.

**Palabras clave:** Financiarización; agronegocios; reforma agraria; soberanía alimentaria.

### **Introdução**

O avanço de políticas neoliberais e a financeirização, com o aumento de novos instrumentos e atores financeiros, têm contribuído para garantir a expansão e governança das corporações transnacionais detentoras de poder econômico e político que ditam regras em diversos setores da economia, dentre eles, o sistema agroalimentar mundial. No âmbito estratégico de atuação das grandes corporações existe uma forte capacidade de influência na política agrícola, comercial e de abastecimento, se impondo como principais agentes ordenadores do sistema alimentar de forma internacional. Diretamente ligado à capacidade de impor seu domínio nos territórios através da produção, armazenamento e comercialização e também por meio de relações sociais estabelecidas localmente, as grandes corporações escondem um conjunto de interesses que ameaçam a soberania dos países (Goldfarb, 2015).

Nas últimas décadas, empresas ao longo dos sistemas agroalimentares, incluindo o setor de insumos, se fundiram e adquiriram umas às outras para constituir “megaempresas” ditando as regras de uma reconfiguração da economia alimentar do mundo (Clapp, 2021). A

indústria de sementes altamente concentrada é dominada por apenas quatro grandes corporações: Bayer-Monsanto, Dow-Dupont, ChemChina-Syngenta e BASF (Clapp, 2021). A transferência de capital, envolvendo fusões e aquisições, está direcionada aos interesses dos acionistas que passaram a impor a sua própria lógica de acumulação e têm sido uma expressão da capacidade decisória dos investidores financeiros nas grandes empresas de insumos (Chesnais, 2005).

A dinâmica agroalimentar financeirizada tem, de forma sistêmica, ameaçado a diversidade produtiva e cultural da agricultura camponesa, conduzindo a um processo de destruição dos bens naturais (terra, água e sementes), de desequilíbrio dos agroecossistemas e de exclusão e/ou dependência do mercado, revelando as diversas vulnerabilidades desse sistema global (Sevilla-Guzmán e Soler Montiel, 2010). Na análise de Gliessman (2018), são necessárias mudanças no sistema alimentar no que tange aos componentes de poder e de classe, e na forma como os seres humanos se relacionam com os alimentos. O autor defende que a agroecologia é a base para essa transformação. A agroecologia, uma ciência, prática e movimento (Wezel *et al.*, 2009; Gliessman, 2018), caminha na contramão da financeirização e fornece as bases para o estabelecimento de outro sistema agroalimentar que atenda às necessidades alimentares da sociedade (Altieri e Toledo, 2011; Gliessman, 2018).

Autoras como Löw (2014) e Federici (2019) argumentam que o avanço da financeirização e a apropriação dos recursos naturais traz impactos negativos, particularmente para a vida das mulheres, entretanto, elas se mantêm na vanguarda da luta e estão na resistência ao modelo hegemônico de agricultura. Diversos estudos destacam as contribuições das mulheres camponesas no âmbito da agroecologia no Brasil; por meio da luta política do 08 de março, contra as grandes corporações e o agronegócio e suas mazelas, em defesa da reforma agrária (Witcel, 2020; Mafort, 2019). Em relação aos sistemas alimentares e à produção de alimentos, em que, as mulheres vinculam a luta contra patriarcado à soberania alimentar, no direito à terra e à autonomia camponesa na escolha do que produzir e como produzir (Menegat e Silva, 2019). Na produção, manutenção e defesa das sementes crioulas e livres, à recusa da transgenia, do agrotóxico, à defesa da produção com base na agroecologia (Menegat e Silva, 2019; Witcel, 2020; Xavier, 2022). A luta das mulheres inclui também o cuidado com os bens comuns em seus territórios e a denúncia do sistema capitalista que transforma tudo em mercadoria, incluindo água, a terra, o ar, os alimentos (Menegat e Silva, 2019). As mulheres também estão nas diversas esferas de processos de comercialização e participação em feiras locais, estaduais e nacionais (Xavier, 2022). Em suma, as mulheres camponesas estão à frente de estratégias na construção da agroecologia, por meio da luta política e em seus territórios na produção

de alimentos, cooperação e organização. Diante do contexto apresentado, o objetivo deste artigo é analisar o processo de luta das mulheres camponesas nos territórios de reforma agrária na defesa do direito às sementes. Partimos do seguinte questionamento: Como a luta das mulheres camponesas contribui para a materialização da agroecologia? Nossa hipótese é a de que a resistência da agricultura camponesa, frente à crescente financeirização do sistema agroalimentar, traz na sua essência as dimensões da agroecologia como estratégia para a garantia do direito das agricultoras camponesas às sementes.

A pesquisa foi realizada com o coletivo de Mulheres Raízes do Campo, no Quilombo Campo Grande, localizado no Sul do estado de Minas Gerais, cujos antecedentes históricos estão nos processos de ocupações de terras organizadas pelo MST na região. O Quilombo representa um marco histórico em relação à disputa de modelo de desenvolvimento e, há mais de duas décadas, é a expressão de lutas pelas condições de existência dos camponeses e camponesas nesta região (Coca *et al.*, 2018; Firmiano *et al.*, 2021).

Nos orientamos pela pesquisa qualitativa, cuja estratégia foi um estudo de caso com famílias vinculadas diretamente ao problema investigado (Minayo, 2001). As técnicas de coleta de dados tiveram como eixos fundamentais o processo exploratório teórico e o trabalho de campo, possibilitando, a partir das percepções dos sujeitos, mensurar os fenômenos socioculturais, produtivos e econômicos que se manifestam no cotidiano por meio da produção de sementes agroecológicas. Na parte teórica, analisamos diversas fontes acadêmicas e não acadêmicas. A pesquisa de campo está constituída por observações participantes, vivências, grupo focal e realização de entrevista semiestruturada.

Além desta introdução, este artigo está organizado em três seções. Na primeira realizamos uma análise sobre a apropriação do setor de sementes no Brasil, para na sequência dedicarmos atenção ao conjunto de estratégias políticas, econômicas e ambientais adotadas para a reestruturação dos sistemas alimentares e para o enfrentamento à financeirização. Reforma agrária, soberania alimentar, agroecologia e agricultura camponesa são as principais estratégias propostas para a democratização do acesso à terra, ao enfrentamento à fome, à melhoria das condições de vida no campo e para a garantia de produção de alimentos saudáveis acessíveis a toda população.

Na terceira seção descrevemos de forma detalhada nosso caminho metodológico. Em seguida analisamos as ações adotadas pelas mulheres camponesas em relação às sementes, em prol da construção da agroecologia e como estas estratégias transcendem o conhecimento técnico e científico, perpassando pelo modo de relações sociais e práticas individuais e coletivas que estão pautadas na luta por um conjunto de transformações profundas das relações econômicas, sociais, políticas, culturais e de gênero.

Na última seção, a título de considerações finais, argumentamos que os esforços das mulheres camponesas como defensoras e guardiãs das sementes, não ocorrem somente porque as mantêm guardadas por gerações ou porque trocam e doam suas sementes. Mas porque, as sementes se conformam como componente da própria sobrevivência enquanto camponesa. Por isso, ao lutar cotidianamente por um sistema alimentar baseado na agroecologia e no acesso e cuidado aos bens comuns (como as sementes), as estratégias adotadas pelas mulheres camponesas, se constituem como importante referência contra a financeirização e a mercantilização do sistema agroalimentar.

### **Do bem comum à mercadoria: apropriação das sementes no Brasil**

O uso das sementes pelos camponeses por meio da produção, reprodução e das trocas está presente na história da agricultura (Peschard e Randeria, 2020). Até o final do século XX, mesmo com uma diversidade dos sistemas agrícolas em todo o mundo, as sementes eram consideradas como um bem comum, que estavam em consonância com as dinâmicas comunitárias e de acordo com as necessidades produtivas, em que realizam um processo contínuo de seleção e adaptação ambientais e socioculturais (Reis, 2012). As decisões acerca das sementes eram tomadas baseadas nas tradições e cultura das comunidades que conformavam sistemas abertos, onde eram realizadas trocas e compartilhamentos. A tradição de compartilhar sementes resultou na contínua combinação e recombinação de genes, o que favoreceu a resiliência e diversidade genética que caracteriza as sementes desenvolvidas pela agricultura camponesa e povos tradicionais (Reis, 2012). Para Shiva (2016) essa preservação da diversidade genética também vincula-se a priorização pelas culturas alimentares que historicamente tem sido associada ao controle por parte das mulheres sobre o germoplasma, considerado fonte de toda a riqueza vegetal e centrais para os sistemas de produção de alimentos em toda a cadeia alimentar. Ao longo do último século, o aumento da financeirização, a concentração corporativa e um conjunto de leis e normativas têm corroído a capacidade da agricultura camponesa de produzir suas sementes, limitando a escolha do que cultivar, como cultivar e para quem cultivar (IPES-Food, 2017). A financeirização, processo pelo qual o capital financeiro passa a determinar e subordinar o setor produtivo real, exerce crescente poder e influência incidindo diretamente na política e nas grandes questões econômicas globais (Chesnais, 2005).

A globalização financeira atua a partir de imensos conglomerados transnacionais que estão em diversos segmentos da sociedade se apropriando e ampliando seu poder por meio de rendas decorrentes da propriedade da terra, de imóveis, de patentes, de marcas,

dentre outros (Soto e Mello, 2021). Na perspectiva de gerar cada vez mais lucros, no contexto de um mundo financeirizado, a terra, a água, a biodiversidade e os alimentos, tornam-se novas classes de ativos e oportunidade de investimentos em um processo especulativo parasitário causando efeitos destrutivos em nível mundial (Seufert *et al.*, 2020; Teixeira e Gomes, 2021).

No Brasil, as políticas de sementes foram concebidas com uma abordagem linear, em que o sistema de sementes deveria evoluir progressivamente de uma fase tradicional (produção de sementes realizada por agricultores), até uma fase desenvolvida, em que as sementes seriam produzidas por produtores altamente especializados (melhoristas), cultivando variedades melhoradas (Louwaars, 2007). A base da revolução verde, resultou em diversos problemas, dentre eles a erosão genética através da substituição de cultivares locais e tradicionais por variedades uniformes geneticamente, levando ao desaparecimento de uma riqueza genética e a dependência de agricultores a cultivares exigentes de insumos externos (Mooney, 1987).

Nas primeiras décadas do século XXI, o Brasil consolidou sua posição como plataforma de valorização financeira para o capital transnacional e de um importante polo exportador de *commodities* agrícolas na nova estrutura global do capital (Kato e Leite, 2020). O período corresponde à consolidação do agronegócio no país (Delgado, 2012) e ao surgimento de agricultura orientada para exportação “associada à conformação de um novo consenso em torno das *commodities* e ao reforço de dinâmicas de “desposseção” num processo cunhado internacionalmente como *land grabbing* (ou de apropriação ou açambarcamento de terras) no meio rural” (Kato e Leite, 2020, p. 462).

Por ser grande produtor agrícola mundial e potencialmente grande consumidor de produtos e tecnologias, o Brasil é considerado um território estratégico para o processo de internacionalização do capital e financeirização. A internacionalização da agricultura brasileira, cada vez mais especializada na produção e exportação de *commodities*, tem sido impulsionada e fortalecida com o processo das grandes fusões e aquisições de corporações transnacionais, que constituem conglomerados empresariais cada vez mais poderosos (Alentejano, 2020). A intensificação da produção dessas *commodities*, que baseia-se na utilização de sementes transgênicas, está associada à intensificação do modelo hegemônico de agricultura e orientado para atender às exigências do aumento da produção agrícola e do mercado de sementes e dos agrotóxicos orquestrado por corporações (Alentejano, 2020).

O Brasil se destaca por estar em segundo lugar em área plantada com transgênicos (ISAAA, 2019). Até setembro de 2022 foram aprovadas no Brasil 127 plantas transgênicas ou eventos transgênicos, sendo: soja, algodão, milho, cana-de-açúcar, feijão, eucalipto e trigo (Cropplife, 2022). Além de ser grande consumidor da tecnologia transgênica é também o maior país em aquisição de agrotóxicos, sendo considerado uma das principais

possibilidades de crescimento e fonte de mercado para as grandes empresas do setor agroquímico (Clapp, 2017), e sua posição de maior consumidor mundial de agrotóxicos não é uma coincidência (Bombardi, 2017). As quatro grandes corporações que dominam o mercado global de sementes e agrotóxicos (Bayer-Monsanto, Dow-Dupont e ChemChina-Syngenta) administraram a produção e comercialização de quase todas as plantas transgênicas no Brasil e a maioria dos pedidos de patente e de direitos de propriedade intelectual relacionados a plantas (Fernandes, 2018).

O controle corporativo do setor de insumos vem se consolidando por meio da integração e pela operação das grandes corporações da cadeia alimentar, onde as maiores empresas de agroquímicos do mundo são também as que dominam a indústria de sementes. Essas grandes empresas multinacionais, de países desenvolvidos, fornecedoras de insumos, exercem poder e influência sobre os países em desenvolvimento e, conseqüentemente, sobre os agricultores e consumidores, uma vez que, além dos insumos, controlam também as principais tecnologias (Caiazza e Volpe, 2012).

Organizações sociais e sociedade civil temem que grandes empresas agroalimentares, cada vez mais concentradas, fortaleçam suas estratégias de maximização de lucros em formas que eliminem os meios de subsistência da agricultura camponesa, favorecendo o aumento dos preços dos alimentos, limitando as opções de culturas e prejudicando o meio ambiente (Clapp, 2021). Para o conjunto da sociedade, o processo de financeirização tem favorecido e intensificado as graves crises de segurança e soberania alimentar, ao mesmo tempo que interessa apenas a um pequeno grupo de investidores e de grandes empresas (Niederle e Wesz Junior, 2018). Por isso, como apontado por Löwy (2010), o controle sobre os meios de produção e, principalmente, sobre as decisões de investimento e tecnologia, devem ser retirados dos bancos e das grandes corporações para se tornarem um bem comum da sociedade.

Autoras como Löw (2014) e Federici (2019) argumentam que o avanço da financeirização e a apropriação dos recursos naturais traz impactos negativos, particularmente para a vida das mulheres, entretanto, elas se mantêm na vanguarda da luta e estão na linha de frente e na resistência à mercantilização dos bens comuns. As mulheres resistem e participam ativamente de lutas por outro modelo de agricultura baseado na conservação dos recursos naturais e alimentação saudável (Löw, 2014) e devem ser reconhecidas como sujeitos políticos, econômicos e de direitos (Trevilla Espinal *et al.*, 2021).

## **Agroecologia e movimento social camponês na contramão da financeirização do sistema agroalimentar hegemônico**

A dinâmica agroalimentar financeirizada tem, de forma sistêmica, ameaçado a diversidade produtiva e cultural dos camponeses, conduzindo a um processo de destruição dos bens naturais (terra, água e sementes), de desequilíbrio dos agroecossistemas e de exclusão e/ou dependência do mercado, revelando as diversas vulnerabilidade desse sistema global (Sevilla Guzmán e Soler Montiel, 2010). Para Gliessman (2018) são necessárias mudanças estruturais no sistema alimentar nos componentes de poder e de classe, assim como na forma como os seres humanos se relacionam com os alimentos, e defende que a agroecologia é a base para essa transformação. A agroecologia, entendida como uma ciência, prática e movimento (Wezel *et al.*, 2009; Gliessman, 2018), caminha na contramão da financeirização do sistema agroalimentar, em que investidores financeiros se apropriarem de toda a cadeia, transformando os alimentos em ativos financeiros (Clapp e Isakson, 2018) e, ao mesmo tempo, fornece as bases para o estabelecimento de outro sistema alimentar que atenda às necessidades alimentares da sociedade (Altieri e Toledo, 2011; Gliessman, 2018).

A agroecologia, ao longo de sua trajetória, passou por mudanças epistemológicas abrangendo diferentes enfoques. Embora em uma construção inicial a agroecologia estivesse relacionada a aspectos da ecologia e produtivos, voltada para a unidade produtiva ou agroecossistema, nas últimas décadas novos elementos foram incorporados envolvendo questões ambientais, sociais e econômicas direcionadas a todo o sistema agroalimentar (Wezel *et al.*, 2009; Gliessman, 2007, 2018).

A abordagem agroecológica orienta-se para a construção de estratégias ao modelo de agricultura hegemônico, com vistas a possibilitar os caminhos para que a produção, circulação e consumo de alimentos contribuam para o enfrentamento das crises ambiental, alimentar e social e para o enfrentamento da globalização e mercantilização alimentar (Sevilla-Guzmán, 2006). Os princípios orientadores da agroecologia, além de proporem um reordenamento e um novo olhar sobre os sistemas agroalimentares, trazem na sua construção a importância do fortalecimento de processos de resistência ligados à agricultura camponesa, que tem nos sistemas alimentares locais o estabelecimento de seu modo de vida e existência (Sevilla Guzmán e Soler Montiel, 2010). Há na perspectiva agroecológica um reconhecimento do potencial da agricultura camponesa em contribuir para solucionar questões enfrentadas pela sociedade, decorrentes do modelo hegemônico, como a fome, pobreza, degradação ambiental, dentre outros (Altieri e Nicholls, 2012).

A massificação dos princípios da agroecologia tem sido fortalecida por meio de movimentos e organizações camponesas, que desde os seus territórios têm construindo



## ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA E CAMPONESA DAS MULHERES DO QUILOMBO CAMPO GRANDE CONTRA A FINANCEIRIZAÇÃO AGROALIMENTAR

processos de autonomia e auto-organização, com base na realidade sociocultural e ambiental de cada local. A reconfiguração dos territórios por meio da agricultura camponesa, como é o caso dos assentamentos rurais no Brasil, vem se estabelecendo a partir do desenvolvimento de diversas experiências com base na agroecologia e na luta política, entretanto, é também acompanhado de intensas disputas territoriais. Como argumenta Ploeg (2008), camponeses de todo o mundo estão enfrentando um conjunto de contradições decorrentes do sistema agroalimentar globalizado e financeirizado. Essas contradições em muitos casos se apresentam quando os sistemas de produção de subsistência tornam-se dependentes do mercado, levando as famílias camponesas a serem mais vulneráveis à volatilidade dos preços dos insumos, crédito e bens agrícolas, que se traduzem em muitos casos em redução da renda, fragilizando as condições de sobrevivência no campo. Por outro lado, a agroecologia propõe recuperar e fortalecer os elementos culturais, ambientais e produtivos associados ao campesinato para, em diálogo com o conhecimento das diferentes disciplinas científicas, propor um outro modelo de agricultura (Sevilla Guzmán e Soler Montiel, 2010).

A agricultura camponesa, por meio do desenvolvimento de sistemas alimentares com autonomia e guiados por uma relação mais racional e harmoniosa com a natureza, garantem a capacidade produtiva do agroecossistema da qual depende a sua existência e a manutenção do seu modo de vida (Sevilla Guzmán e Soler Montiel, 2010). Uma mudança proposta por meio de uma abordagem agroecológica é considerada uma das principais maneiras pelas quais os camponeses estão se reconstruindo e se estabelecendo em diversas partes do mundo (Ploeg, 2020; Altieri, 2012).

O conceito de agroecologia, que vem sendo concebido por diversos movimentos sociais do campo, tem apresentado uma conotação sociopolítica que oferece diretrizes em relação ao sistema produtivo, e também como bandeira de luta para um novo modelo de desenvolvimento para o campo (Borsatto e Carmo, 2013). A construção não consiste somente em desenvolver os sistemas produtivos com base no conhecimento local, também incorporaram as pautas políticas, de acesso às tecnologias, identitárias, étnicas e tradicionais em busca de sua identidade, sobrevivência e autonomia (Sevilla-Guzmán, 1999).

O cenário de crises sociais, econômicas e ambientais, e a constatação da contribuição da agricultura camponesa para segurança alimentar, fez os conceitos de soberania alimentar e da agroecologia ganharem relevância nas últimas duas décadas. Os princípios orientadores da agroecologia podem ser considerados uma forma de luta em defesa dos territórios da agricultura camponesa e a base para a construção da soberania alimentar (Altieri e Toledo, 2011; Rosset e Martínez-Torres, 2016). Um conjunto de

conhecimento e processos sociais, produtivos e ambientais empreendidas por organizações e comunidades tradicionais, indígenas e camponesas no âmbito da segurança alimentar, em meio ao aumento da financeirização e da crise mundial, contribuiu para a elaboração da soberania alimentar em diálogo com a construção da agroecologia (Altieri e Toledo, 2011).

Com o avanço do agronegócio sobre a agricultura e o debate sobre a necessidade de assentar sobre novas bases o debate da reforma agrária e o papel dos assentamentos rurais como territórios conquistados e os em disputa como os acampamentos, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) aponta como necessário repensar a forma de organização da produção e da vida nesses territórios (Borsatto e Carmo, 2013). O MST, uma das principais organizações sociais de luta pela terra no Brasil e na América Latina, constituído formalmente em nível nacional no ano de 1984, tem no processo de ocupação de terras sua principal tática de luta pela reforma agrária e contra a desigualdade social. Ao longo de sua trajetória o MST desenvolveu formas e métodos organizativos e formativos que possibilitou a constituição de sua identidade política e a sua presença organizada em quase todo o território nacional (Carter, 2010; Alentejano, 2020). Atualmente sua base social é organizada em 450 mil famílias assentadas e mais de 65 mil famílias acampadas (MST, 2024).

O MST tem associado a luta pela reforma agrária com a soberania alimentar e a agroecologia, objetivando, dentre uma série de elementos, contribuir para novas relações entre o ser humano e a natureza e para a produção e acesso a alimentos saudáveis (Alentejano, 2020). A partir do momento em que o MST propõe uma mudança qualitativa na concepção de reforma agrária, os princípios da agroecologia passam a ser assumidos como uma possibilidade de outro modelo de agricultura, em oposição ao modelo hegemônico. Por isso, diversos autores (Neto, 2000; Alentejano, 2020; Hoeller *et al.*, 2021) têm denominado essa reforma agrária de uma nova natureza, como reforma agrária agroecológica.

A agroecologia tem sido proposta pelo MST como um eixo articulador das diferentes diretrizes que abarca questões de gênero, luta de classes, questão ambiental, saúde, segurança alimentar, dentre outras (Borsatto, 2011). Ao ampliar a pauta de reivindicações do ponto de vista da luta pelo acesso à terra, o MST, agrega a dimensão ambiental, cultural e alimentar, sem retroceder em pautas políticas e sociais históricas do movimento (Borsatto, 2011). A reforma agrária associada à luta pela soberania alimentar e agroecologia preconiza que os camponeses têm o direito de definir suas estratégias sobre os seus sistemas alimentares, incluindo o direito à produção e consumo de alimentos saudáveis (Martínez-Torres e Rosset, 2010). Para tal, o acesso à terra, aos bens naturais e às sementes torna-se estratégico para que a agricultura camponesa garanta a produção e distribuição de alimentos para atender suas necessidades alimentares e da sociedade (MST, 2013).

Para Chesnais e Serfati (2003) com o aumento da financeirização em todas as esferas da vida, é necessário uma tomada de consciência das conexões entre as destruições ecológicas e as agressões contra as condições de existência dos agricultores camponeses, um dos traços da América Latina, e cita como exemplo, o MST no Brasil e sua agenda política em prol da agroecologia. Ao reivindicar a agroecologia como forma de reorientar a lógica produtiva e organizativa dos assentamentos, as sementes se apresentam como estratégia central, como descrito pelo MST.

As sementes são um patrimônio dos povos a serviço da humanidade e não pode haver sobre elas propriedade privada ou qualquer tipo de controle econômico, devendo: a) Preservar, multiplicar e socializar as sementes crioulas, sejam tradicionais ou melhoradas, de acordo com a biodiversidade dos nossos biomas regionais, para que todo campesinato possa usá-las b) Defender a soberania nacional sobre produção e multiplicação de todas sementes e mudas (MST, 2013, p. 36).

As sementes têm sido consideradas estratégicas e compõem um dos temas principais da agenda política do MST ao estarem associadas à soberania alimentar, agricultura camponesa, Reforma Agrária e agroecologia (Gonçalves, 2008). O MST tem buscado relacionar o discurso ideológico com a ação política, realizando lutas contra o capital, entre as quais se destacam ocupações em áreas e centros de pesquisas de multinacionais da agrobiotecnologia, ações contra os transgênicos, contra o agronegócio, dentre outras, buscando denunciar os riscos dos transgênicos e usos intensivo de agrotóxicos para agricultura e o aumento da dependência dos agricultores camponeses em relação ao poder das corporações do setor de insumos (Gonçalves, 2008).

Diversas práticas desenvolvidas pelo MST em seus territórios têm gerado conhecimentos novos, com profundo conteúdo emancipatório, como visto nos processos de defesa das sementes crioulas e na contraposição às sementes geneticamente modificadas, na produção de alimentos saudáveis e na materialização da agroecologia (Martins, 2017). Tais aspectos, descritos por Martins (2017), são indícios de que o alimento não deve ser tratado como mercadoria e que os agricultores e suas comunidades têm o direito de produzir os alimentos e alimentar-se com base na sua cultura e de acordo com o meio ambiente local.

## Metodologia

Orientado pela pesquisa qualitativa (Minayo, 2001) o universo da pesquisa abrange o Coletivo de Mulheres Raízes da Terra da regional Quilombo Campo Grande<sup>2</sup>, no município

---

<sup>2</sup> A luta por terra realizada pelo MST na região remete ao processo de lutas anteriores, por isso o nome “Quilombo Campo Grande” foi escolhido como alusão a um processo de resistência, resgatando a história do

de Campo do Meio no estado de Minas Gerais. Situado no bojo de disputas territoriais, o Quilombo Campo Grande foi constituído, pelo MST<sup>3</sup> em 1998 por meio de ocupações de terras de uma Usina denominada Ariadnópolis, pertencente à Companhia Agropecuária Irmãos Azevedo (CAPIA). O Quilombo representa um marco histórico em relação à disputa de modelo na região, especialmente no município de Campo do Meio, que há mais de duas décadas vem sendo a expressão de lutas pelas condições de existência dos camponeses (Coca *et al.*, 2018; Firmiano *et al.*, 2021).

Como eixo analítico adotamos a agroecologia para compreender as diversas estratégias que estão sendo adotadas na contramão da financeirização do sistema agroalimentar. Para coleta de dados adotamos as seguintes técnicas de pesquisa: **(i) Pesquisa Bibliográfica e Pesquisa Documental:** A Pesquisa Bibliográfica foi realizada por meio de livros, artigos científicos publicados em periódicos indexados, artigos de jornais, *sítes* da internet, entre outras fontes. A Pesquisa Documental foi realizada em: Documentos Internos do MST e Documentos de Instituições; **(ii) Entrevistas Semiestruturadas:** obedecendo um roteiro previamente estabelecido, foram realizadas 16 entrevistas individuais envolvendo agricultoras, dirigentes e técnicas. As entrevistas foram realizadas de janeiro de 2021 à abril de 2022 **(iii) Grupo Focal:** Realização de entrevista em grupo focal com 8 mulheres do Coletivo Raízes da Terra. O grupo focal foi realizado no ano de 2021 e **(iv) Observação Participante e Diário de Campo:** A técnica de coleta de dados permitiu a participação ativa no processo de observação. Os registros das informações e percepções foram realizados em cadernos de campo.

### **Raízes da Terra: mulheres e as sementes de luta**

No centro da luta pela terra e na resistência ao modelo de agricultura hegemônico, baseado em um intenso processo de espoliação das condições de vida das mulheres camponesas, encontra-se o coletivo de Mulheres Raízes da Terra. Constituído em 2011, o coletivo conta com aproximadamente 50 mulheres camponesas das diversas comunidades pertencentes ao Quilombo Campo Grande. De acordo Xavier (2022), a distribuição de gênero no Quilombo é bastante proporcional: 55% de homens e 45% de mulheres. Essa condição de quase paridade pode ser considerada resultado do trabalho desenvolvido pelas mulheres no território desde a sua ocupação, por meio do trabalho de base e da conscientização das mulheres, que possibilitou a constituição do coletivo Raízes da Terra. A luta das mulheres do MST se conecta a um contexto mais amplo de lutas de mulheres. As

---

quilombo existente na região que fora constituído por indígenas e negros (Firmiano *et al.*, 2021; Rodrigues, 2021).

<sup>3</sup> Quilombo Campo Grande, compreendido de acordo com a organicidade do MST como uma regional, é constituído no município de Campo do Meio por onze acampamentos e dois assentamentos e um assentamento no município de Guapé (Firmiano *et al.*, 2021).

diversas experiências de organização e conquista de autonomia política das mulheres, deve-se, sobretudo, à trajetória de luta das mulheres no movimento.

A trajetória do coletivo Raízes da Terra, conforme a narrativa das mulheres entrevistadas, baseia-se na necessidade organizativa no âmbito da luta pela terra. Nesse sentido, a conquista de espaço ocorre a partir da participação ativa nas ocupações e despejos, na organização do território e na produção de alimentos. As mulheres camponesas têm desenvolvido estratégias de participação política, incluindo a representação política em instâncias de decisão e ações de luta, como o dia 08 de março, onde reafirmam a importância da reforma agrária e da soberania alimentar e denunciam as formas pelos quais o sistema alimentar corporativo e financeirizado se apropria e degrada seus territórios. Ao longo dos anos, o coletivo também vem se consolidando como um espaço de acolhimento, geração de renda, auto sustento, autonomia e de acesso ao conhecimento e conscientização do papel das mulheres.

Na sua ação cotidiana, as mulheres do Quilombo têm se colocado nos processos de luta, resistência e organizativo, mas também produtivo. Muitas mulheres estão à frente da discussão da agroecologia na cooperativa e nas diversas esferas dos processos de comercialização. Na compreensão das mulheres do Quilombo, cada passo dado contribuiu para o avanço da conscientização coletiva e, por isso, a sua atuação ocorre na resistência e proteção do território, e também na transformação do atual modelo de agricultura. Tal perspectiva, reforça a importância e o papel histórico das mulheres no processo organizativo e na ação política. Como descrito por Federici (2019) existe na história da origem do capitalismo uma relação direta entre a destruição do poder social e econômico das mulheres e a política alimentar na sociedade capitalista e que, na atualidade, são as mulheres a principal força social que impede uma completa comercialização dos bens da natureza.

A atuação do coletivo de mulheres no processo produtivo, formativo e de lutas, é considerada fundamental para que haja uma tomada de consciência sobre a importância e o papel das mulheres na sociedade, e no âmbito da produção de alimentos. Essa tomada de consciência vem ocorrendo no Quilombo em observância do quanto as mulheres são afetadas por um modelo de produção que converte alimentos em mercadorias e ativo financeiro. O modelo hegemônico de agricultura possui implicações socioeconômicas e ambientais para todo o sistema alimentar, que afeta diretamente a capacidade de garantir os meios de subsistência e a segurança alimentar, principalmente para as mulheres. Essa compreensão dialoga com Löw (2014) ao analisar que a financeirização dos alimentos, da terra, da natureza e das sementes aprofundam as condições das mulheres como alijadas do processo produtivo e faz com que as camponesas busquem na organização e na cooperação uma maior participação nos espaços sociais, políticos e econômicos.

A produção de subsistência, realizada pelas mulheres, assegura a qualidade dos alimentos, protegendo as mulheres, a comunidade e os consumidores contra a transgenia e a utilização intensa de agrotóxicos. Entretanto, a defesa e a prática da agroecologia pelas mulheres camponesas do Quilombo, não se refere somente à produção de alimentos, mas à melhoria das condições de vida, à autonomia dos territórios, à defesa dos sistemas de conhecimento e identidades sociais e à construção de outro modelo de agricultura em que a produção e os cuidados com as sementes locais, crioulas, livres de transgênicos e de agrotóxicos, são parte fundamental. Corroborando com essa ideia, Wezel *et al.* (2009) e Borsatto (2011) sustentam que a abordagem agroecológica tem se constituído um grande desafio, uma vez, que vai desde uma dimensão produtiva técnica-agronômica para uma abordagem em nível de agroecossistemas, fortalecendo a dimensão pessoas-natureza, até atingir uma escala estrutural que envolve as relações no âmbito de todo o sistema agroalimentar.

O trabalho do Coletivo Raízes da Terra, no âmbito produtivo, está organizado em diversas frentes que envolvem: o trabalho com hortaliças, plantas medicinais, produção e beneficiamento de alimentos, comercialização, dentre outras. Em todas as frentes, o trabalho objetiva alcançar a organização das diversas etapas do sistema alimentar, desde a semente passando pela produção, beneficiamento, até a comercialização. A atuação do Coletivo está em consonância com a análise de Federici (2019), pois para defender seu território do impacto da financeirização e da dependência do mercado global, a tática das mulheres tem sido a expansão e o fortalecimento da agricultura de subsistência. E no contexto do Quilombo a defesa das sementes é parte integrante e indissociável da defesa desse território.

A estratégia com as sementes, no âmbito da atuação das mulheres, também ocorre em conjunto com a Rede de Produtores de Sementes Agroecológica Bionatur, que se dedica a produzir sementes diversas de hortaliças agroecológicas. A Rede Bionatur de Sementes Agroecológicas foi constituída em 1997, no Estado do Rio Grande do Sul, sendo representada juridicamente pela Cooperativa Agroecológica Nacional Terra e Vida Ltda – CONATERRA (Silva, 2015). A Bionatur se constitui como a principal experiência ligada ao MST na área do resgate, manutenção, melhoramento, multiplicação e comercialização de sementes agroecológicas. Atualmente a Bionatur tem construído a expansão da rede como estratégia para avançar a agroecologia nos assentamentos, que inclui o estado de Minas Gerais.

No trabalho desenvolvido com a Bionatur, as famílias, ao extraírem as sementes, utilizam os demais componentes para autoconsumo, alimentação dos animais e produção de doces, compotas, molhos, contribuindo para a diversidade de produtos agroecológicos *in natura* e beneficiados. A parceria com a Bionatur ocorre por meio de uma produção

## ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA E CAMPONESA DAS MULHERES DO QUILOMBO CAMPO GRANDE CONTRA A FINANCEIRIZAÇÃO AGROALIMENTAR

diversificada de sementes, fortalecida pelo trabalho com as plantas medicinais desempenhado pelas mulheres. O Coletivo possui uma horta, certificada pelo SPG Orgânicos Sul de Minas<sup>4</sup>, com grande diversidade de plantas medicinais e aromáticas, onde produzem, reproduzem e mantêm a própria semente há mais de sete anos. Em pesquisa sobre variedades crioulas, realizada por Silva *et al.* (2018), com famílias vinculados à Bionatur, constataram que a conservação de variedades, principalmente de hortaliças, ocorre sob a gestão feminina nas unidades de produção, remetendo a espaços acerca da casa ou do quintal produtivo, que estão na esfera do autoconsumo e da segurança alimentar familiar. Tais aspectos reforçam o papel determinante das mulheres para a conservação e seleção de diversas variedades associadas ao uso e aos hábitos culturais da agricultura camponesa.

O cuidado, a manutenção e o uso das sementes locais, também vêm sendo realizados pelo coletivo de mulheres por meio da implantação de área de Sistema Agroflorestal/SAF para obtenção de renda do coletivo. No SAF é produzido um conjunto de alimentos como: hortaliças, adubos verdes, flores, frutas que serão destinados para usos diversos, incluindo a produção e a manutenção das sementes. A maior parte das mulheres do coletivo Raízes da Terra também produzem sementes em sua unidade familiar de produção, constituindo importantes bancos de sementes no âmbito familiar e comunitário do Quilombo, desempenhando importante função na produção e manutenção das sementes, na proteção da biodiversidade e dos recursos genéticos. Boa parte das sementes e mudas utilizadas nos sistemas produtivo são da “Casa de Sementes Terra de Quilombo” e do “Viveiro Popular Terra de Quilombo”, localizados no assentamento Nova Conquista, no qual as mulheres também participam ativamente do processo de organização, coleta de sementes e conservação e manutenção das sementes. É possível identificar que a estratégia quanto à produção, adaptação e resgate de variedades de sementes tradicionais, locais e florestais e a conservação por meio das casas de sementes e trocas entre famílias e comunidade, é um pilar fundamental para a materialização da agroecologia no Quilombo.

O trabalho e a luta das mulheres têm sido central para a construção da agroecologia, no entanto, sua capacidade de cultivar alimentos vem sendo historicamente ameaçada pela apropriação e privatização dos bens comuns (Federici, 2019) e pela própria natureza conservadora e violenta do latifúndio em defesa da propriedade privada (Mafort, 2019). Apesar de se manterem organizadas no território em defesa dos seus direitos, muitas mulheres que fazem parte do Coletivo Raízes da Terra não têm acesso à terra. Além da falta de acesso à terra, outros desafios estão presentes, como a falta de incentivo e fomento de

---

<sup>4</sup> Central de Associações de Produtores Orgânicos do Sul de Minas, constituída com o objetivo de estruturar e consolidar uma rede agroecológica para viabilizar um Sistema Participativo de Garantia no Sul de Minas/Organismo Participativo da Avaliação da Conformidade (OPAC) (Hirata *et al.*, 2018).

sistemas de base agroecológica para a produção e manutenção de sementes, não havendo nenhum apoio técnico, produtivo ou de crédito por parte do Estado (Seda *et al.*, 2018) que inclui a ausência de incentivos para que as famílias possam garantir a produção, a manutenção e a circulação das sementes. Somando a falta de acesso a créditos e incentivos Borsatto e Souza-Esquerdo (2019) argumentam que os assentamentos rurais são estabelecidos em áreas com alto grau de degradação ambiental decorrente de um modelo de agricultura baseada no pacote tecnológico da Revolução Verde. Aliado a estes desafios, Mafort (2019) aponta que, no campo, o trabalho das mulheres estão entre as mais precarizados e a divisão sexual do trabalho invisibiliza em muitos casos a remuneração das mulheres pelo seu trabalho. Tais desafios reforçam a lógica capitalista que tem como pressuposto a separação dos camponeses, em particular as mulheres, dos seus meios de subsistência.

A apropriação, manutenção e cuidado com as sementes tem sido estratégico para materializar a agroecologia no território tornando-se um benefício para a construção das bases da segurança e soberania alimentar. Como nos diz Federici (2020), ao desafiar as forças do capitalismo, do patriarcalismo e da destruição ecológica, as mulheres estão construindo novas formas de existência que rejeitam a lógica de mercado. Portanto, a organização e ação cotidiana das mulheres do Quilombo trazem uma importante contribuição de alerta para o processo de financeirização das terras e das sementes e sua relação com as crises de segurança e soberania alimentar.

## Considerações finais

Um número relativamente pequeno de corporações transnacionais está exercendo alto grau de influência no sistema agroalimentar em todo o mundo. Nas últimas décadas essas empresas se fundiram e adquiriram umas às outras, formando gigantes corporações que se tornaram atores centrais em uma reconfiguração mundial do sistema agroalimentar, estimulada pela crescente financeirização da economia. As grandes corporações exercem poder de diversas formas, moldando mercados, tecnologias, inovações e estruturas políticas em todas as partes do mundo, de forma mais acentuada em países periféricos, como é o caso do Brasil. Os lucros conquistados pelas corporações do sistema agroalimentar têm se mostrado cada vez mais dependentes e associados à exploração ambiental, socioeconômica e cultural, trazendo prejuízos para toda a sociedade.

As mulheres do Quilombo Campo Grande, ao realizarem a produção e a manutenção das sementes com base nos princípios da agroecologia, estrategicamente vinculadas à segurança alimentar e luta política estão semeando esforços que contradizem o aumento da financeirização da agricultura, em especial das sementes. A defesa das



## ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA E CAMPONESA DAS MULHERES DO QUILOMBO CAMPO GRANDE CONTRA A FINANCEIRIZAÇÃO AGROALIMENTAR

sementes realizada pelas mulheres camponesas direciona-se para a conquista da soberania alimentar e da agroecologia em prol da construção de outro modelo de agricultura, em que a produção e os cuidados com as sementes locais ou crioulas, livres de transgênicos e de agrotóxicos, são parte fundamental.

Os desafios postos estão no fortalecimento da identidade cultural, da organização, da cooperação e de novas relações de gênero. Dentre estas grandes questões, a participação das mulheres do Coletivo Raízes da Terra, do Quilombo Campo Grande, na produção e manutenção das sementes, tem sido de grande relevância. As suas contribuições abordam a complexidade das relações de poder, que operam de forma interligada através da luta de classe e gênero visando outro modelo de agricultura e trazendo em perspectiva a importância da agroecologia como projeto político.

Consideramos que a experiência do Quilombo apresenta uma importante contribuição de alerta para o processo de financeirização das terras, dos alimentos e das sementes e sua relação com as crises de segurança e soberania alimentar. Por isso, é mister que os esforços das mulheres camponesas sejam reconhecidos e fortalecidos, uma vez que são defensoras e guardiãs das sementes, não só porque as mantêm guardadas por gerações ou porque trocam e doam suas sementes. Mas porque na luta e no cotidiano das mulheres, as sementes aparecem como componente da própria sobrevivência enquanto camponesa. Portanto, torna-se essencial que o acesso e o direito das agricultoras sobre as sementes sejam considerados componente indissociável da segurança e soberania alimentar.

## Referências

ALENTEJANO, Paulo. A hegemonia do agronegócio e a reconfiguração da luta pela terra e reforma agrária no Brasil. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 4, n. 42, p. 251-285, 2020.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. ed. São Paulo: Expressão; Rio de Janeiro: ASPTA, 2012. 400 p.

ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara I. Agroecology scaling up for food sovereignty and resiliency. **Sustainable agriculture reviews: Volume 11**, p. 1-29, 2012.

ALTIERI, Miguel A.; TOLEDO, Victor Manuel. The agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. **Journal of peasant studies**, v. 38, n. 3, p. 587-612, 2011.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia**. São Paulo, 2017.

BORSATTO, Ricardo Serra. **A Agroecologia e sua Apropriação pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Assentados da Reforma Agrária**. 2011. 298 f. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) - UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2011.

BORSATTO, Ricardo Serra; DO CARMO, Maristela Simões. O MST e a edificação de uma proposta de reforma agrária baseada em princípios agroecológicos. **Retratos de Assentamentos**, v. 16, n. 2, p. 221-243, 2013.

CAIAZZA, Rosa; VOLPE, Tiziana. The global agro-food system from past to future. **China-USA Business Review**, v. 11, n. 7, 2012.

CARTER, Miguel. Desigualdade social, democracia e reforma agrária no Brasil. **Combatendo a desigualdade social: O MST e a reforma agrária no Brasil**. Tradução de Cristina Yamagami. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CHESNAIS, François. **A Finança Mundializada**. São Paulo: Boitempo, 2005.

CHESNAIS, François; SERFATI, Claude. Ecologia” e condições físicas da reprodução social: alguns fios condutores marxistas. **Crítica marxista**, v. 16, p. 39-75, 2003.

CLAPP, Jennifer. Responsibility to the rescue? Governing private financial investment in global agriculture. **Agriculture and human values**, v. 34, p. 223-235, 2017.

CLAPP, Jennifer. The problem with growing corporate concentration and power in the global food system. **Nature Food**, v. 2, n. 6, p. 404-408, 2021.

CLAPP, Jennifer; ISAKSON, S. Ryan. Risky returns: The implications of financialization in the food system. **Development and Change**, v. 49, n. 2, p. 437-460, 2018.

COCA, E. L. F et al. A luta pela/na terra em tempos de instabilidade institucional: o acampamento Quilombo Campo Grande, em Campo do Meio - MG. **Boletim DATALUTA**, Presidente Prudente, n. 31, p. 2-9, 2018.

CROPLIFE. **Produtos transgênicos aprovados no Brasil pela CTNBio**. Disponível em: <https://croplifebrasil.org/noticias/aprovacoes-plantas-transgenicas-e-eventos-transgenicos/#:~:text=At%C3%A9%20setembro%20de%202022%2C%20foram,perdeu%20um%20ou%20m ais%20genes>. Acesso em: 19 dez. 2022.

DELGADO, Guilherme Costa. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século [1965-2012]**. Editora da UFRGS, 2012.

FEDERICI, Sílvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução Coletivo Sycorax. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

FIRMIANO, Frederico Daia. et al. Conflitos Socioambientais no Sul de Minas Gerais e a Luta e Resistência do Complexo Quilombo Campo Grande. In: BRUZIGUSSI [et al.] (Orgs). **Questão Agrária e Políticas Públicas em Minas Gerais: Conflitos Sociais e Alternativas Populares**, Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2021, p. 82-97.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecology: the ecology of sustainable food systems**, CRC Press, Taylor & Francis, New York, USA, 2007, 384 p.

GLIESSMAN, Stephen R. Defining agroecology. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 42, n. 6, p. 599-600, 2018.

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA E CAMPONESA DAS MULHERES DO QUILOMBO CAMPO GRANDE CONTRA A FINANCEIRIZAÇÃO AGROALIMENTAR

GOLDFARB, Yamila. Consolidação da hegemonia das corporações, monopolização do território e acumulação por espoliação. O caso da Cargill no Brasil e na Argentina. **Revista NERA**, n. 27, p. 11-37, 2015.

GONÇALVES, Sergio. **Campesinato, Resistência e Emancipação: O Modelo Agroecológico Adotado pelo MST no Estado do Paraná**. 2008. 308f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Presidente Prudente, São Paulo, 2008.

HIRATA, Aloísia Rodrigues. et al. **O Sistema Participativo de Garantia do Sul de Minas**. Pouso Alegre: Ifsuldeminas, 2018. 80 p.

HOLLER, Silvana Cassia; FAGUNDES, Maurício; VERGARA, Édina Mayer. Caminhos da reforma agrária popular agroecológica. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, 2021.

IPES-Food. **Too big to feed: Exploring the impacts of mega-mergers, consolidation and concentration of power in the agri-food sector**. Relatório 2017. Disponível em: [http://www.ipesfood.org/img/upload/files/Concentration\\_FullReport.pdf](http://www.ipesfood.org/img/upload/files/Concentration_FullReport.pdf). Acesso em: 21 abr de 2021.

ISAAA. ISAAA Brief 55-2019: Executive Summary Biotech Crops Drive Socio-Economic Development and Sustainable Environment in the New Frontier. **International Service for the Acquisition of Agri-Biotech Applications**, 2019.

KATO, Karina Yoshie Martins; LEITE, Sergio Pereira. Land Grabbing, Financeirização da Agricultura e Mercado de Terras: Velhas e Novas Dimensões da Questão Agrária no Brasil. **Revista da ANPEGE**. v. 16. n. 29, p. 458 - 489, 2020.

LOUWAARS, Niels. **Seeds of Confusion: the Impact of Policies on Seed Systems**. Wageningen University and Research, 2007.

LÖW, Christine. Indigene Frauen in Indien und die Finanzialisierung Von Natur: Postkolonial-feministische Interventionen. **Journal für Entwicklungspolitik**, v. 30, n. 2, p. 92-115, 2014.

LÖWY, Michael. Crise ecológica, capitalismo, altermundialismo: um ponto de vista ecossocialista. **InterfacEHS-Revista de Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 4, n. 3, 2010.

MAFORT, Kelli Cristine. Mulher, Terra e Luta—a mistura da radicalidade que educa. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 33, p. 65-84, 2019.

MARTÍNEZ-TORRES, María Elena; ROSSET, Peter M. La Vía Campesina: the birth and evolution of a transnational social movement. **The Journal of Peasant Studies**, v. 37, n. 1, p. 149-175, 2010.

MARTINS, Adalberto Floriano Greco. **A produção ecológica de arroz nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre: apropriação do espaço geográfico como território de resistência ativa e emancipação**. 2017. 279 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.

MENEGAT, Alzira Salete; SILVA, Sandra Procópio. Mulheres camponesas em movimentos: análises da atuação feminina na via campesina, na caminhada para a soberania alimentar. **MovimentAção**, v. 6, n. 10, p. 130-142, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de S (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOONEY, Paty Roy. **O Escândalo das sementes: o domínio na produção de alimentos**. São Paulo: Nobel, 1987.

MST. **MST lança carta compromisso com a luta e o povo brasileiro no marco de seus 40 anos**. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/01/27/mst-lanca-carta-compromisso-com-a-luta-e-o-povo-brasileiro-no-marco-de-seus-40-anos/> Acesso em: 30 abr 2024.

MST. **Programa agrário do MST**: texto em construção para o VI Congresso Nacional. São Paulo: Secretaria Nacional, 2013.

NETO, Canrobert Costa. Reforma Agrária Agroecológica em Assentamentos Rurais Sustentáveis: uma visão comparativa. **Reforma Agrária**. Rio Claro, v. 29 e 30, p. 87-100, 2000.

NIEDERLE, Paulo André; WESZ JUNIOR, Waldemar João. **As Novas Ordens Alimentares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. 429p.

PESCHARD, Karine; RANDERIA, Shalini. 'Keeping seeds in our hands': the rise of seed activism. **The Journal of Peasant Studies**, v. 47, n. 4, p. 613-647, 2020.

PLOEG, Jan Douwe van der. From biomedical to politico-economic crisis: the food system in times of Covid-19. **The Journal of Peasant Studies**, v. 47, n. 5, p. 944-972, 2020.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. UFRGS Editora, 2008.

REIS, Maria Rita. **Tecnologia social de produção de sementes e agrobiodiversidade**. 2012. 288p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

RODRIGUES, H. W. Quando a memória é ressignificada em luta pela posse ando a memória é ressignificada em luta pela posse da terra: a Usina Ariadnópolis (1908), o Acampamento do MST Quilombo Campo Grande (1998) e os embates de memória – Campo do Meio, MG. **Revista Em Favor De Igualdade Racial**, v. 4, n. 2, p. 112–126. 2021.

ROSSET, Peter Michael; TORRES, María Elena Martínez. Agroecología, territorio, recampesinización y movimientos sociales. **Estudios Sociales: Revista de Alimentación Contemporánea y Desarrollo Regional**, v. 25, n. 47, p. 273-299, 2016.

SEUFERT, P et al (ed.). **El capitalismo clandestino y la financiarización de los territorios y la naturaleza**. Amsterdam: Fian International, Focus On The Global South, 2020. 125 p. Disponível em: <https://www.tni.org/es/publicacion/el-capitalismo-clandestino>. Acesso em: 15 abr. de 2021.

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA E CAMPONESA DAS MULHERES DO QUILOMBO CAMPO GRANDE CONTRA A FINANCEIRIZAÇÃO AGROALIMENTAR

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. Asentamientos rurales y agroecología en Andalucía. **Africa-América Latina Cuadernos**, n. 35, p. 76-85, 1999.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo; SOLER MONTIEL, Marta Maria. Agroecología y soberanía alimentaria: alternativas a la globalización agroalimentaria. **Patrimonio cultural en la nueva ruralidad andaluza**, Consejería de Cultura/Junta de Andalucía, 2010.

SHIVA, Vandana. **Staying alive: Women, ecology, and development**. North Atlantic Books, 2016.

SILVA, P. M et al. Memória, saberes e sabores: a participação das mulheres na conservação e seleção de variedades crioulas de tomate da Rede de Sementes Bionatur. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

SILVA, Patrícia Martins da. **Processo identitário da Rede de Sementes Agroecológicas Bionatur: a experiência na percepção dos agricultores**. 2015. 157f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar) - Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

SOTO, Olga Pérez; MELLO, Gustavo Moura de Cavalcanti. O Capital Portador de Juros em Marx. In: MELLO, G. M. de C; NAKATANI, P. (orgs). **Introdução à Crítica da Financeirização: Marx e o Moderno Sistema de Crédito**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2021. 160p.

TEIXEIRA, Adriano Lopes Almeida; GOMES, Helder. O Capital em movimento: dos ciclos às formas autonomizadas do capital. In: MELLO, G. M. de C; NAKATANI, P. (orgs). **Introdução à Crítica da Financeirização: Marx e o Moderno Sistema de Crédito**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2021. 160p.

TREVILLA ESPINAL, Diana Lilia et al. Feminist agroecology: analyzing power relationships in food systems. **Agroecology and sustainable food systems**, v. 45, n. 7, p. 1029-1049, 2021.

WEZEL, Alexander et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for sustainable development**, v. 29, n. 4, p. 503-515, 2009.

WITCEL, Rosmeri. **A luta do "Oito de março" como espacialização emancipatória do debate feminista no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, São Paulo, 2020.

XAVIER, Gabriela Taíse Poiati. **Mulheres na questão agrária: um estudo sobre o coletivo "Raízes da Terra" do Acampamento Quilombo Campo Grande, Campo do Meio-MG**. 2022. 163 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2022.

---

## Sobre as autoras

---

**Andréia Cristina Matheus** – Doutora em Engenharia Agrícola na área de Gestão de Sistemas na Agricultura e Desenvolvimento Rural pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Agricultura Orgânica e

Engenheira Agrônoma pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0002-2593-8447>.

---

**Vanilde Ferreira de Souza-Esquerdo** – Graduação em Agronomia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Mestrado e Doutorado em Engenharia Agrícola pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Livre Docente, Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas/SP. **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0002-5015-1216>.

---

### Como citar este artigo

---

MATHEUS, Andréia Cristina; SOUZA-ESQUERDO, Vanilde Ferreira de. Estratégias de resistência agroecológica e camponesa das mulheres do Quilombo Campo Grande contra a financeirização agroalimentar. **Revista NERA**, v. 27, n. 4, e10425, out.-dez., 2024. DOI: 10.47946/rnera.v27i4.10425.

---

### Declaração de Contribuição Individual

---

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelos (as) autores (as). As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. A autora **Vanilde Ferreira de Souza-Esquerdo** ficou especialmente responsável pelo desenvolvimento teórico-conceitual, pelos procedimentos técnicos e tradução do artigo; e a segunda autora **Andreia Cristina Matheus** pela aquisição de dados e suas interpretação e análise.

Recebido para publicação em 08 de maio de 2024.

Aceito a publicação em 14 de agosto de 2024.

*O processo de editoração deste artigo foi realizado por Lorena Izá Pereira e Camila Ferracini Origuela.*

---